



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**MEIRILANE JOSÉ DE SANTANA**

**A COMPREENSÃO DE DEFICIÊNCIA NO ROMANCE *A PATA DA GAZELA*,  
DE JOSÉ DE ALENCAR: a sociedade no final do século XIX**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2019**

**MEIRILANE JOSÉ DE SANTANA**

**A COMPREENSÃO DE DEFICIÊNCIA NO ROMANCE *A PATA DA GAZELA*,  
DE JOSÉ DE ALENCAR: a sociedade no final do século XIX**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba/Campus I.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre.

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S232c Santana, Meirilane José de.  
A compreensão de deficiência no romance A pata da gazela, de José de Alencar [manuscrito] : a sociedade no final do século XIX / Meirilane Jose de Santana. - 2019.  
20 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.  
"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre ,  
Departamento de Educação - CEDUC."  
1. Análise literária. 2. Deficiência física. 3. Valor cultural. 4. Sociedade brasileira. I. Título  
21. ed. CDD 801.95

**MEIRILANE JOSÉ DE SANTANA**

**A COMPREENSÃO DE DEFICIÊNCIA NO ROMANCE A PATA DA GAZELA,  
DE JOSÉ DE ALENCAR: a sociedade no final do século XIX**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba/Campus I.

Aprovada em: 13/06/2019

**BANCA EXAMINADORA**

Eduardo Gomes Onofre  
Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rosemary Alves de Melo  
Profa. Me. Rosemary Alves de Melo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Kledson de Albuquerque Alves  
Prof. Esp. Kledson de Albuquerque Alves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **A COMPREENSÃO DE DEFICIÊNCIA NO ROMANCE *A PATA DA GAZELA*, DE JOSÉ DE ALENCAR: a sociedade no final do século XIX**

Meirilane José de Santana<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo principal compreender a concepção sobre deficiência relatada no romance brasileiro *A pata da gazela*, de José de Alencar. O referido romance retrata a história de uma personagem que tinha uma malformação em um dos pés. Nessa obra o autor retrata os costumes e os valores da sociedade brasileira no final do século XIX, especificamente a sociedade carioca. Constatamos os sentimentos de rejeição e não aceitação da deficiência. A sociedade brasileira do século XIX compreendia a deficiência como um defeito, favorecendo o processo de exclusão social da pessoa com deficiência.

Palavras chaves: Análise literária; Deficiência física; Valor cultural; Sociedade Brasileira.

### **RESUMEN**

El presente artículo tiene como objetivo principal comprender la concepción sobre la discapacidad relatada en la novela brasileña *A pata da gazela*, de José de Alencar. La referida novela narra la historia de un personaje que tenía una malformación en uno de los pies. En esta obra el autor narra las costumbres y los valores de la sociedad brasileña al final del siglo XIX, específicamente de la sociedad carioca. Constatamos los sentimientos de rechazo y no aceptación de la discapacidad. La sociedad brasileña del siglo XIX comprendía la discapacidad como un defecto, siendo favorable al proceso de exclusión social de la persona con discapacidad.

Palabras chaves: Revisión literaria; Discapacidad física; Valor cultura; sociedad brasileña.

## **1. INTRODUÇÃO**

A vida, o amor e a amizade são temáticas bastante recorrentes nas obras de muitos escritores e poetas da Literatura Brasileira, a exemplo dos escritores Machado de Assis, Clarice Lispector, Guimarães Rosa. Entretanto, o romancista José Martiniano de Alencar conseguia dar um toque particular em suas obras. Para além de tais aspectos, a obra *A pata da Gazela*, escrita por

---

<sup>1</sup> Aluna de graduação em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
Email: meiri\_lane@hotmail.com

José de Alencar, publicada no ano de 1870, nos chama atenção por podermos refletir sobre a concepção que a sociedade tinha sobre a pessoa com deficiência e, conseqüentemente, como os temas vida, amor e amizade se desencadeiam nessa realidade.

José de Alencar nasceu no Ceará, contudo passou grande parte de sua vida no Rio de Janeiro, local que é cenário do enredo do livro *A pata da gazela*. Tal relação com o Rio de Janeiro, do século XIX, faz de José de Alencar um grande crítico ao sistema da época. Ele desempenhou as funções de romancista, dramaturgo, jornalista, advogado e político brasileiro, parlamentar e estadista do Brasil no período do Império. Tais atividades contribuíram para uma aptidão crítica e denunciadora retratadas nas obras de José de Alencar. Em seus romances José de Alencar consegue veicular como a sociedade de XIX lidava com questões sociais, como aspectos econômicos e de gênero. Aqui, contudo, analisamos como se desencadeia as relações entre a pessoa com uma deficiência e o mundo e os outros que a rodeiam.

Ao longo do tempo, foi criado um conjunto de personagens com deficiência na literatura. Quer seja brasileira, quer não, a retratação de tais personagens é carregada de estereótipos, sempre enfatizando a deficiência em relação ao todo. Talvez a obra mais conhecida que retrata tal realidade seja *O Corcunda de Notre Dame*, de Victor Hugo, personagem apresentado com uma deficiência física, visto como louco, deformado, ingênuo e solitária. Tal descrição tornou-se comum na literatura ao retratar personagens com uma deficiência, que são privados de uma representação mais complexa. Mesmo que o personagem com deficiência desempenhe papel central em uma estória literária, sempre são estigmatizados, suas qualidades são postas de lado como é o caso do personagem Quasímodo, do romance francês *O Corcunda de Notre Dame*. Os marcadores da normalidade resultam na criação de tais personagens, que são retratados como engraçados, dignos de pena ou como perversos e causadores de medo/repulsa. De modo geral, a pessoa com deficiência nunca foi mostrada, na literatura, considerando suas habilidades e sim como limitadas. As pessoas com deficiência sempre foram relacionadas a categorias depreciativas na literatura nacional e internacional escritas nos séculos mais remotos, contudo também nos dias atuais podemos perceber tal fato.

Objetivamos aqui reconhecer a literatura enquanto ambiente de denúncia ao expor as relações sociais por meio de seus personagens e narradores. Dessa forma, fazemos um estudo sociocultural pela literatura com base em autores que dão significativa importância às políticas de inclusão, como Silva (2006), Diniz (2007), Mantoan (2003), entre outros, bem como autores que percebem a literatura como fonte de análise crítica sociocultural, como Todorov (2012) e Leite (2002). Assim, utilizamos como coleta de dados a pesquisa bibliográfica, para assim adquirir uma visão mais ampla do assunto, buscando um maior embasamento em livros, artigos, revistas, teses, dissertações.

Achamos pertinente, também, fazer uma intersecção entre os estudos da deficiência com o estudo de gênero, uma vez que, a personagem Laura que é motivo de nossa pesquisa, se enquadra em uma realidade social excludente e sua trajetória, no mencionado enredo, remete à dependência social das

peças com deficiência, construída erroneamente enquanto sujeito “inferior” aos demais. A hegemonia do “corpo perfeito” está estampada nos mais diversos âmbitos que tomam o corpo com deficiência como algo anormal/limitado, a noção de fragilidade que se refere desde muito tempo ao corpo feminino inclui também de forma mais acentuada o corpo com deficiência. Mello e Nuernberg (2012, p. 636) destacam que:

[...] seja como um dado empírico ou um signo, concebemos o fenômeno da deficiência como um processo que não se encerra no corpo, mas na produção social e cultural que define determinadas variações corporais como inferiores, incompletas ou passíveis de reparação/reabilitação quando situadas em relação à corponormatividade, isto é, aos padrões hegemônicos funcionais/corporais.

Assim, no presente trabalho, dedicamos a uma análise da obra *A pata da gazela*, de José de Alencar, em especial, das duas personagens protagonistas, para mostrar como desenvolveu-se uma escrita que retrata a pessoa com deficiência em meio à sociedade. A deficiência não é algo isolado ao campo biológico, Mello e Nuernberg (2012, p. 636) apontam que a deficiência é uma questão sociocultural com diferentes sentidos e modos de *defini-la, percebê-la, vivenciá-la, tratá-la*.

Diante do exposto, nesse trabalho refletimos como acontece a interação das primas, Laura e Amélia, personagens principais, bem como entre Horácio e Leopoldo. Também realizamos uma discussão da relação familiar com a pessoa com deficiência. Os personagens citados são de suma importância para a análise realizada, pois esboçam uma das tramas que escrevem a exclusão social.

O livro *A pata da gazela* apresenta vários aspectos comuns e previsíveis à escola literária, a qual pertence, o romantismo. O tema central contido no livro, assim como a maioria pertencentes a esta escola, é o “amor idealizado”. Contudo, a reflexão que faremos aqui está envolta nas relações pessoais e interpessoais da personagem Laura, que tem uma deficiência física, e, por conseguinte, a personagem Amélia, que vive como se tivesse tal deficiência como forma de atenuar o sentimento de rejeição de Laura perante a sociedade.

## **2. LITERATURA E SOCIEDADE**

Nas últimas décadas, as discussões acerca da inclusão escolar e social de pessoas com deficiência têm tomado maior importância na sociedade, contudo a prática inclusiva não acontece de forma satisfatória. O preconceito persiste e nós somos responsáveis por propagá-lo ou rompê-lo, uma vez que a deficiência deve ser considerada uma questão de justiça social, como relata Diniz (2007). Para compreender a trajetória da pessoa com deficiência na sociedade, podemos fazer uso de obras literárias, pois elas relatam fatos

ocorridos nos mais diversos contextos, mesmo que de forma implícita e artística. Devemos realizar uma análise literária não só no que diz respeito à escola literária que a obra está inserida, pois ela [a escola] sozinha não dá conta de compreender a obra em sua totalidade e/ou em seu contexto extralinguístico. A ótica que consideramos pertinente, no que tange a análise de obras literárias, é a união entre o fazer poético (critérios literários) e a psicologia/sociologia.

Nesta perspectiva, um único texto literário pode ser compreendido de diversas formas, desde que faça sentido comprovatório. O escritor, no processo criativo, lança mão de características próprias de seu tempo e lugar social. A cultura predominante em determinado período histórico tem valor fundamental para a interpretação do processo de composição da obra, pois o escritor, muitas vezes, reproduz costumes e assim procura conjecturar o comportamento do leitor. Podemos perceber essa condição ao observarmos na literatura infantil, como também na adulta, os finais felizes das personagens que, na maioria das vezes, são escritos para satisfazer as exigências do leitor. Essa realidade pode ser constatada em *A pata da gazela*, de José de Alencar, quando o autor desenvolve um *clímax* que desfaz a imagem atribuída à personagem protagonista, a qual durante toda a estória foi descrita com uma deficiência física que logo mais seria atribuída a outra personagem.

Um dos questionamentos que fazemos aqui, em relação ao livro de José de Alencar, com base nessa noção de final feliz, é: o autor procurou desviar a deficiência da personagem como forma de agradar ao público leitor, que considera a deficiência algo grotesco e inapropriado para uma personagem principal? A imagem “imaculada” que a personagem principal (sobretudo por ser mulher) deve passar, em especial no século XIX, não admitiria uma personagem protagonista com deficiência física, que foge do “ideal” estético e representa uma anormalidade para a sociedade machista e excludente.

Além de uma explicação voltada para as coisas externas ao indivíduo, faz-se conveniente um estudo que se dirija a aspectos inerentes a ele em seu plano psicológico. Assim, ao tentar compreender o ser humano, enquanto personagem na obra literária, devemos nos ater sobretudo as suas particularidades com base na personalidade formada no meio social. O personagem literário, enquanto representante do indivíduo [real], carece de uma análise subjetiva. A literatura ajuda-nos a entender nossa realidade e a realidade do outro e do mundo, sendo assim a literatura é uma ferramenta de inclusão indispensável. A literatura nos faz perceber e refletir sobre aquilo que não vivemos, mas que existe na nossa cultura. A história, por mais dura que seja, contada de forma poética fixa-se em nossa mente e nos faz [re]pensar atitudes.

Segundo Aristóteles, a poesia é uma imitação da natureza, e, segundo Horácio, sua função é agradar e instruir. A relação com o mundo para poder “imitá-las”, quanto do lado dos leitores e ouvintes, que podem, é claro, encontrar prazer nessa realidade, mas que delas também tiram lições aplicáveis ao restante de sua existência. (TODOROV, 2012, p.46)



A literatura nos fornece ricas informações, e por que não se apoderar dela para identificar os fenômenos sociais que permeiam tanto o nosso cotidiano quanto o cotidiano do outro no presente ou no passado?

### 3. OS ESTIGMAS EM TORNO DA DEFICIÊNCIA

A obra *A pata da gazela*, de José de Alencar, traz vários aspectos referentes à vida da pessoa com deficiência, a exemplo de como se dá o processo de aceitação/rejeição da personagem Laura nas relações familiares, afetivas, sociais. Contudo, ao passo que expõe a forma como a pessoa com deficiência era vista e tratada no contexto social do Brasil do século XIX, ele [o livro] também reforça estereótipos que acentuam o preconceito para com o diferente. Isto acontece, principalmente, pelo fato da personagem com deficiência ser apresentada de forma secundária, situação frequente não só na arte como na vida.

Cabe ressaltar que, durante grande parte da história, Amélia é tida como a dona do pé “aleijão”, somente nos últimos capítulos é revelado que o pé é de Laura. Diante disto, podemos inferir que o referido autor ao dar menos destaque à Laura durante grande parte do enredo transfere a deficiência para Laura visando um público leitor [uma sociedade] que não admite a pessoa com deficiência em papel de destaque, devido a concepção estética de que se trata de um corpo anormal. Tal afirmação, apesar de cruel, não é algo sem sentido, visto os fatos que sucedem a história da pessoa com deficiência na humanidade.

Silva (2006) afirma que o preconceito se caracteriza como um mecanismo de defesa do ofensor diante de algo que deve ser combatido nele mesmo; a deficiência, na mente preconceituosa, lembra a fragilidade do ser humano diante da vida, uma vez que os padrões físicos e intelectuais apontam a deficiência como uma impossibilidade de realizar atividades comuns. Amaral (1998, p. 16-17 apud Silva, 2006, p. 427) descreve três versões do preconceito para com as pessoas com deficiência, que podemos notar claramente em *A pata da gazela*: generalização indevida, correlação linear e contágio osmótico.

[...] “generalização indevida” o juízo que transforma a condição de limitação específica de uma pessoa em totalidade, ou seja, ela torna-se deficiente por ter uma deficiência; “correlação linear” é a disposição para elaborar relações do tipo “se...então”, simplificando de forma demasiada o raciocínio, consolidando o preconceito pela economia do esforço intelectual. E o “contágio osmótico” é o temor do convívio, numa espécie de recusa em ser visto como um deficiente.

*A pata da gazela* foi escrito em um período em que as políticas de inclusão sequer estavam perto de existir no Brasil, embora seja o período do nascimento de algumas instituições que prestavam atendimentos às pessoas com deficiência. Essa realidade, em relação ao tratamento às tais pessoas, com o passar do tempo sofreu alterações quanto as políticas educacionais,

contudo o preconceito ainda vive, por isso a obra de José de Alencar em questão é atemporal; o preconceito, a rejeição e a repulsa que a personagem sofre no livro personificam situações que perduram nos dias de hoje. É muito comum presenciarmos situações de abandono de pessoas com deficiência pelo simples fato de possuírem uma deficiência e “representarem” um peso/atraso para os demais.

Segundo Gomes et al. (2019) os estudos sobre a deficiência se assemelham aos estudos de gênero, por conter uma “narrativa culturalmente fabricada do corpo” (p. 1). Assim, não pretendemos compreender a deficiência pelo caráter biomédico, mas pelo modelo social, o qual visa compreender a heterogeneidade da sociedade e o impacto da cultura nela. O modelo biomédico contribui para realçar as noções preconceituosas acerca da deficiência “que se resume às lesões e aos impedimentos físicos, sensoriais e intelectuais, entendidos como anormalidades, como o resultado das disfunções em alguma parte do corpo” (GOMES et al. 2019, p. 1-2). Dessa forma, a sociedade cria um imaginário de que a pessoa com deficiência deve alcançar a “normalidade” por procedimentos cirúrgicos, os quais são muitas vezes estéticos. Essa busca pelo corpo perfeito, “normal”, está enraizada na nossa sociedade desde muito tempo e enquadra tanto as pessoas com deficiência, quanto pessoas que acreditam estar foram de uma “normalidade corporal”, a exemplo das pessoas gordas, magras, altas, baixas, sobretudo se for do gênero feminino.

Viver no mundo das normas requer esforço para se incluir nele, ter um corpo com deficiência nesta sociedade caracteriza, de certa forma, uma busca incansável para se enquadrar padrões estabelecidos pela sociedade dominante.

A rejeição à pessoa com deficiência, muitas vezes acompanhada da repulsa, é algo muito comum na nossa sociedade. O livro *A pata da gazela*, discute essa realidade ao abordar a reação de dois homens/pretendentes ao descobrirem uma possível deficiência da mulher que se apaixonaram à primeira vista: Leopoldo se apaixona pelo belo sorriso de Amélia ao passo que se apaixona Horácio pelos pés que ele julga serem os mais lindos ao encontrar uma botina.

Um adendo que fazemos é a obsessão de Horácio pelos pés pequenos de Amélia. Essa obsessão caracterizada por um fetiche, simboliza, o quanto o ser humano busca refúgio na exterioridade para satisfazer a projeção do belo sobre o não-belo.

Leopoldo e Horácio vão à procura de Amélia e passam a cortejá-la, até que descobrem, um após o outro, uma possível deficiência física presente nessa personagem. Ambos reagem de forma diferente, embora a princípio tenham reações parecidas: medo, pena, repulsa. O estigma acerca da deficiência, tanto no período em que o referido romance foi escrito quanto na atualidade, causam nas pessoas tais sentimentos, uma vez que, historicamente, as pessoas com deficiência eram vistas como possuídas por demônios, castigadas pelos Deuses, anormais, dentre outras denominações preconceituosas. Segundo Corrêa (2005, apud OLIVEIRA, 2002, p. 28), “as

peças com deficiência não eram sequer consideradas seres humanos, sendo rejeitadas pela sociedade”.

A deficiência não é um processo que se encerra no corpo, deve ser compreendida no seu processo cultural e social, o qual concebe a deficiência como limitação. Os estudos de gênero interpenetram tais questões uma vez que discutem a noção de corpo ideal e a hierarquia existente entre as diferenças corporais. Em *A pata da gazela*, frequentemente encontramos trechos que evidenciam essa relação contrastante entre corpo, norma e diferença, fazendo com que seja retirado da pessoa com deficiência o direito de se constituir como sujeito, sendo colocado a margem e desvinculado de suas capacidades cognitivas.

### 3.1. Horácio e Leopoldo: a relação com a deficiência

Traçando a personalidade dos personagens Leopoldo e Horácio, podemos perceber a contradição que um representa diante do outro. Se de um lado existe um rapaz simples que não possui grande aquisição financeira, do outro há um que tem prestígio social. Outro contraponto existente nas personalidades desses dois personagens é no que diz respeito ao caráter. Frequentemente na literatura romântica, há a correlação da pessoa rica a um desvio de caráter, remetendo a alguém que vislumbra apenas bens materiais, por outro lado, a pessoa menos favorecida economicamente é associada a uma personalidade empática. E é assim que são construídas, no romance, as caracterizações dos personagens Horácio e Leopoldo, respectivamente.

Horácio, cujo apelido é “leão”, carrega uma carga simbólica do homem enquanto animal/predador, disposto a fazer de tudo para capturar sua presa. Assim, Horácio representa o homem moderno, egoísta e materialista, que é indiferente ao resultado de suas ações na vida do outro.

O leão enquanto rei da floresta detém todo poder, sabedoria, orgulho. E ao mesmo tempo que simboliza a proteção da floresta, ele simboliza a destruição e crueldade, principalmente para os animais menos ágeis. Na imagem de Horácio, podemos interpretar representação da sociedade excludente, que visa seus próprios interesses.

José de Alencar ironiza o desejo pela “boa aparência” e as futilidades da sociedade, como vemos no fragmento a seguir em que descreve a rotina de Horácio de forma metódica ao adjectiva-la como “ocupação importante”.

A visita indispensável ao alfaiate; as anedotas do Alcazar na noite antecedente; a crônica anacreônica do Rio de Janeiro, chistosamente comentada, algumas rajadas de maledicência, que é a pimenta social; todas essas ocupações importantes, que absorvem a vida do leão [...] (ALENCAR, 1997, p.14)

O sentimento de Horácio por Amélia surge a partir do momento que encontra uma botina na rua. Ele então passa a admirar o tamanho do pé, um pezinho pequeno com formas bonitas. Com a referência do conto de fadas

*Cinderela*, José de Alencar tece a trama de *A pata da gazela* em torno da botina encontrada por Horácio: Horácio ao encontrar a botina vai em busca da dona dos pezinhos e não descansa até encontrar a dona deles. O que agrada a ele é a beleza, que ele julga incomum, dos pés de Amélia, até que descobre uma possível deficiência em seus pés e todo “amor” que sente se desfaz, “porque o que sentia Horácio era apenas o culto a forma, o fanatismo do prazer” (ALENCAR, 1997, p. 20).

Horácio rejeita Amélia ao tomar conhecimento de sua possível deficiência física, anula todas as qualidades dela devido a tal fato, e é assim que a sociedade excludente age diante da pessoa com deficiência, o segregando. Neste sentido, a “generalização indevida” assegurada por Amaral (1998, apud Silva, 2006) como uma das versões do preconceito para com a pessoa com deficiência, é reforçada na atitude de Horácio, que ao “descobrir” a “condição” de Amélia, logo a descarta dos sentimentos amorosos e limita-a a sua deficiência que ele acredita que ela tem.

Parece uma singularidade; mas não é. Ninguém conta as pétalas da flor que admira; ninguém repara na forma especial de cada uma das partes de que se compõe um todo gracioso; porém a menor mácula se destaca imediatamente. (ALENCAR, 1997, p. 33)

Diante dessa realidade, podemos refletir sobre o tratamento às demais deficiências nas mais diversas esferas da sociedade. Não é raro presenciarmos ou escutarmos em noticiários pessoas com deficiência em situação de rejeição/abandono pelo fato da família e a sociedade de modo geral não estarem preparadas para lidar com a diferença, a diversidade humana, a qual sempre esteve presente, ao logo da história da humanidade. Dessa forma, as relações humanas se tornam gradativamente efêmeras, reduzidas de sentido.

Segundo o narrador ter alguma deficiência reduz o ser ao mais baixo nível da evolução humana, porque não se trata apenas de algo considerado feio mas monstruoso que foge da normalidade. Além de tudo que foi exposto, existe uma preocupação com a reprodução/genética:

O aleijão excita geralmente uma invencível repugnância, repassada de terror. A aberração da forma humana abate o orgulho do bípede implume, fazendo-o descer abaixo do orangotango. Ao mesmo tempo, é ameaça viva a uma das mais caras aspirações do homem: a esperança de renascer em outra criatura, gerada de seu ser. Se a fatalidade pesar sobre a prole querida? (ALENCAR, 1997, p. 43)

Ao descobrir a suposta condição de Amélia, Leopoldo sofre uma terrível decepção, como constatamos no fragmento a seguir: “o moço chegara à casa mergulhado em uma tristeza profunda” (ALENCAR, 1997, p.44). O narrador não hesita em reiterar que o “defeito” do pé da moça é de causar terror às pessoas, principalmente se tratando de uma relação amorosa. Pelo imaginário dos personagens Leopoldo e Horácio passa o questionamento acerca da possibilidade de se apaixonarem por uma mulher com um pé deformado, como várias vezes é indicado na narrativa. Embora Amélia não seja a personagem com deficiência a qual norteia o presente trabalho, faz-se necessário explicar

a posição ocupada por ela no referido romance, devido ao fato de grande parte da narrativa estar envolta na sua suposta deficiência.

Por outro lado, essa rejeição primária pode se dissipar. É comum, embora não seja normal, que no início de uma relação com uma pessoa com deficiência haja um certo estranhamento, devido a todo preconceito que foi construído durante a história. Silva (2006) destaca que no primeiro contado com a deficiência, as pessoas se tornam avessas e tal estranhamento pode manter-se ao longo do tempo conforme se desenvolvem as interações entre as pessoas. Leopoldo representa essa realidade. Embora, igualmente a Horácio, Leopoldo se aterrorize ao descobrir a possível deficiência de Amélia, mas se questiona sobre, passando por momentos de profunda reflexão. Leopoldo não mantém a mentalidade de que é superior a ela por não ter uma deficiência, à medida que passa a conhecê-la. Toda essa resistência acontece devido aos valores que nos são transmitidos ao longo do tempo.

Mesmo que quiséssemos, não conseguiríamos negar essa influência em nosso comportamento frente à deficiência, porque esta faz parte da nossa história de vida, de modo que concordamos com Teles (1993), quando coloca que os valores culturais transmitidos não somente nos envolvem, mas também nos penetram, modelando a nossa identidade, a nossa personalidade, a nossa maneira de agir, pensar e sentir. (MELO, 2010, p. 1)

Lidar e aceitar o outro diferente, com deficiência ou não, não é tarefa fácil, principalmente quando o outro causa temor, desconforto. Leopoldo representa a sociedade em processo de desconstrução de valores, partindo da concepção de que a princípio é difícil lidar com o “diferente”, é um mundo novo que precisa ser descoberto, ou melhor dizendo compreendido.

### **3.2. A apresentação da personagem com uma deficiência física**

Durante grande parte do livro o leitor é levado a acreditar que Amélia tem a deficiência que na verdade é de Laura. Ao final da história é revelado que Amélia incorporou a deficiência da amiga como forma resguardar o segredo dela. Sendo assim, Laura se torna nossa protagonista, apesar de não ter tanta visibilidade quanto Amélia no enredo.

Proposital ou não, o autor nos passa a mensagem de que a nossa sociedade precisa reformular-se e formar-se acerca das políticas de inclusão, com destaque o próprio deficiente. A narrativa do romance é carregada de marcadores que realçam a diferença, pelo uso de termos pejorativos acerca da deficiência física, tais como: deformidade, monstruosidade, aleijão. Cabe ressaltar que, no período em que o livro foi escrito, tais adjetivações eram consideradas normais, portanto o autor “apenas” reproduz os conceitos de sua época. Contudo, infelizmente, tais termos ainda são usados nos dias de hoje para designar a deficiência. Mello e Nuernberg (2016, p. 638) vêm dizer que “as experiências de opressão vivenciadas pelas pessoas com deficiência não estão na lesão corporal, mas na estrutura social incapaz de responder à

diversidade, à variação corporal humana”, isto implica dizer que a opressão ao deficiente é algo construído historicamente.

Vivendo no mundo dos padrões, o ser humano se vê obrigado a seguir as normas que caracterizam o comportamento social. Com Laura não é diferente, ela exemplifica a rejeição da própria deficiência, o que, segundo Amaral (apud Silva, 2016), é denominado “contágio osmótico”, que é o medo de ser visto como deficiente.

As únicas pessoas que conhecem a forma do pé de Laura são as pessoas da própria família, mais especificamente a mãe da personagem e Amélia, sua prima e amiga. Somente devido uma relação de extrema confiança é capaz de fazer com que o deficiente que se sente inferior aos demais em sociedade consiga se expor. Laura é apresentada no romance como uma jovem taciturna, característica que podemos atribuir não somente ao fato do “contagio osmótico”, como também ao fato de ser mulher, visto que, mulheres eram e ainda são vítimas das mais diversas formas de opressão na sociedade. O imaginário do corpo ideal constitui na sociedade a designação de corpo “normal”, colocando o estigma de anormal a todo aquele que não pertencer aos padrões predefinidos. Segundo Silva (2006, p.426), “O corpo deficiente é insuficiente para uma sociedade que demanda dele o uso intensivo”, assim, o corpo com deficiência não segue o ritmo considerado normal para o corpo não-deficiente. Dessa forma, como mecanismo de defesa, a pessoa com deficiência procura esconder sua deficiência como uma maneira de se sentir incluso na sociedade. Laura retrata essa realidade.

Laura é uma moça bonita, o narrador a descreve como *alta e esbelta*, com *uma presença encantadora*; pertencente a alta sociedade (ALENCAR, 1997, p.11). Laura tem quase todas as características da mulher ideal segundo os padrões estéticos, contudo uma única particularidade a torna repugnante: a deficiência. Para entender a condição de Laura, colocada à margem, temos que compreender como a sociedade construiu o conceito de normalidade, porque o problema não está na pessoa diferente e sim na cultura do “normal” em detrimento de tudo aquilo que não seguir os padrões.

A condição das pessoas com deficiência é um terreno fértil para o preconceito em razão de um distanciamento em relação aos padrões físicos e/ou intelectuais que se definem em função do que se considera ausência, falta ou impossibilidade. Fixa-se apenas num aspecto ou atributo da pessoa, tornando a diferença uma exceção. (SILVA, 2006, p. 427)

As pessoas, que sabiam do segredo de Laura sobre seus pés, percebiam sua beleza juxtaposta à deficiência como um enigma, uma espécie de castigo divino: “Para mais agravar o desgosto dos pais, essa monstruosidade vinha ligada a uma beleza angélica” (ALENCAR, 1997, p.99). O trecho traz palavras antitéticas que remetem a beleza física de Laura ao divino (angélica) enquanto a deficiência é remetida ao demoníaco (monstruosidade). Em outro fragmento, antes da revelação de que Amélia na verdade não possui a deficiência, o narrador também descreve o contraste entre a beleza dela em relação a deficiência, e mais uma vez podemos notar a justaposição da beleza á deficiência:

O contraste sobretudo era terrível. Se Amélia fosse feia, o senão do pé não passaria de um defeito, não quebraria a harmonia do todo. Mas Amélia era linda; tinha a beleza regular, suave e pura que se pode chamar a melodia da forma. **A desproporção grosseira de um membro tornava-se pois, nessa estátua perfeita, uma verdadeira monstruosidade. Era um berro no meio de uma sinfonia; era um disparate da natureza, uma superfetação do horrível no belo.** Fazia lembrar os ídolos do Oriente, onde a imaginação doentia do povo reúne em uma só imagem o símbolo dos maiores contrastes. (ALENCAR, 1997, p.44, grifo nosso)

Essa descrição da beleza de Amélia<sup>2</sup> em contraste com a deficiência nos assusta um pouco. Como uma única diferença física pode interferir em todas as demais características da personagem? A partir do momento em que se descobre a deficiência, a personagem passa a ser reconhecida por ela, é assim que acontece também na vida de tantas outras pessoas com deficiência, quer seja na literatura, quer não. Vivemos em uma sociedade que supervaloriza o corpo em detrimento dos valores interiores, tornando natural a rotulação de “anormalidade” a todo aquele que fugir da norma, negando o direito de serem constituídos como sujeitos autônomos e reproduzindo a ideia de que são sujeitos dignos de pena. Apesar da atualidade do assunto, o livro de José de Alencar constata que não se trata de uma problemática moderna.

A deficiência de Laura se sobrepõe a todas as suas demais características físicas e até mesmo suas virtudes morais, independentemente da deficiência ser considerada leve/imperceptível e não “prejudicar” na comunicação ou na locomoção. A partir do momento em que o narrador descobre a deficiência, ele se concentra em descrevê-la, ela passa a ser então o aspecto central da pessoa a qual se refere. Sob a ótica do narrador a deficiência é vista como carrasca, responsável por todo infortúnio na vida de uma pessoa. Tais características passam a ser destacadas por meio de adjetivações pejorativas e insuficientes. Destarte, o narrador encara a deficiência como algo que está em um nível superior diante de quaisquer características da personagem.

Silva (2006) assinala que a mídia enfatiza as pessoas com deficiência em uma posição de vítima, são reproduzidos caricatamente, na maioria das vezes como impotentes/ feios/ sem serventia. Este fato pode ser constatado também em obras literárias renomadas, como é o caso de *O Corcunda de Notre Dame*. No livro *A pata da gazela*, percebemos vários marcadores que indicam a predominância de prejulgamentos no que se trata à deficiência, isso é notório no trecho citado anteriormente quando o narrador encara a deficiência como um *disparate da natureza*.

Laura tem a aparência de uma mulher respeitável na sociedade, rica de família abastada e assim sua imagem permanece até o final do romance. O fato dela ter passado toda a vida desviando dos olhos maldosos da sociedade

---

<sup>2</sup> Nos referimos a Amélia devido ao fato do narrador até então descrevê-la como a pessoa com deficiência.

a construiu uma personalidade passiva, de modo que cai nas investidas do “Leão” quando este passa a acreditar que a dona dos pés pequenos é ela, porque em um determinado momento ele “descobre” a possível deficiência de Amélia. Ao achar que Laura é a dona dos pés que tanto deseja, Horácio passa a cortejar a moça, até que descobre os pés dela.

Horácio proferiu aquelas palavras apaixonadas, de joelhos diante da moça que sorria inclinada para ele; de repente abaixou-se para beijar-lhe os pés, esse objeto de sua adoração. Foi então que ela soltando um grito de espanto, o repeliu para longe de si com horror. Contudo, o moço, que preparara toda aquela cena para chegar a realização do desejo por tanto tempo afagado, conseguira ver... Mas não o que esperava: um pezinho mimoso e gentil. E sim dois pés ingleses de sofrível tamanho, que lhe pareciam descansar sobre uma almofada preta. (ALENCAR, 1997, p. 96)

È nesse jogo de palavras que penetra o discurso do jogo da aparência, em que só é possível julgar como bom ou ruim aquilo que é visto/notado. A personagem só é rejeitada à medida que é percebida, isto justifica o fato de procurar a todo custo esconder aquilo que é motivo da sua vergonha. A posição de vítima, a qual foi obrigada a ocupar, tornou-a também reprodutora da sua própria exclusão. Laura não se concentra em superar sua posição colocada à margem.

### **3.3. A relação familiar**

Laura rejeita a própria deficiência, dedica sua vida a camuflá-la. Tal rejeição se desenvolve no âmbito familiar. Os pais levaram-na aos melhores médicos da Europa, a fim de que a medicina conseguisse livrar a sua filha do infortúnio que carrega ao pé, todos esforços foram em vão. Mais especificamente o capítulo XVIII do livro expõe tal situação. De um lado temos a mãe que com um “instinto” de proteção avalia a deficiência da filha como motivo de vergonha perante a sociedade e passa a imbuir em Laura tal sentimento. Então a mãe dedica-se a esconder a deficiência da filha, vivendo em função disso, como nos é relatado no fragmento que se segue:

Desenganada afinal, Dedicou-se a esconder a desgraça de sua filha, a fim de que ela não fosse obrigada a envergonhar-se da sociedade. Durante muito tempo Laura não teve, Além de sua mãe. À custa de esforços constantes, de uma vigilância incessante de cada dia e cada hora, conseguiu a senhora manter esse segredo de família, do qual dependia a felicidade da sua filha. (ALENCAR, 1997, p. 99)

A rejeição à deficiência é algo cultural que corrobora para exclusão social, fazendo com que o deficiente não se sinta digno de participar da vida em comunidade e muitas vezes os próprios pais transmitem este sentimento, mesmo que inconscientemente.



Antes da criança nascer, planejada ou não, os pais idealizam a imagem dela, se pegam imaginando no sexo, futuro profissional, etc. quando a criança nasce com alguma deficiência opõe-se totalmente a expectativa dos pais. Em muitos casos, todo futuro imaginado é dispensado devido a noção criada na cultura de impossibilidade e dependência em relação a pessoa deficiente. Até que a família aceite a criança deficiente é percorrido um grande caminho dicotômico de preconceito e superação. Muitas vezes a superação é comprometida devido a fatores socioeconômicos, famílias desestruturadas e sem informação tendem a reproduzir estigmas, muitas vezes por meio de crenças em que consideram o deficiente uma aberração ou castigo. A família, mais precisamente os pais, abdicam de alguns de seus projetos devido o nascimento do filho com deficiência (AMIRALIAN, 1986, apud FIAMENGHI JR. e MESSA, 2007). Nuñez (2003, apud FIAMENGHI JR. e MESSA, 2007) acentua que “Os planos da família são geralmente postergados com o nascimento de uma criança, e alguns sacrifícios do casal são transitórios, mas, quando a criança nasce com deficiência, esse adiamento pode se prolongar”. Podemos notar tais questões em *A pata da gazela*, na relação entre Laura e sua mãe. O autor abre um capítulo para expor a relação familiar de Laura, por meio dele podemos entender o porquê da jovem se auto rejeitar, escondendo aos olhos de todos seus pés e podemos concluir que isso se dá, sobretudo, pelo medo da rejeição da sociedade.

Podemos notar a superproteção da mãe na narrativa que se segue no capítulo XVIII e a tentativa de esconder a deficiência da sociedade: Laura sempre tentou esconder os pés, usa roupas longas de modo que cobrem aquilo que para ela é motivo de vergonha, tal concepção ela adquiriu no próprio ambiente familiar. A mãe de Laura dedicou sua vida a esconder os pés da filha, a parte do que corpo se tornou motivo de constrangimento. O narrador ironiza tal fato ao afirmar que a mãe era uma criada: “durante muito tempo Laura não teve outra criada, além de sua mãe” (ALENCAR, 1997, p.99)

A mãe, visando o bem-estar do filho, muitas vezes acaba prejudicando seu desenvolvimento em sociedade e sendo veiculadora de estigmas para o próprio filho com base na perspectiva biomédica, a qual compreende a deficiência como limitação, lesão, doença, etc. À medida que a família se informa melhor sobre a deficiência a compreensão e empatia para com a pessoa deficiente acontece. Dessa forma, a família é indispensável para o desenvolvimento da pessoa deficiente, por isso surge a importância de saber como agir diante das situações de exclusão social.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A luta pela construção de uma sociedade para todos, aberta a diversidade, valorizando as pessoas com ou sem deficiência, é árdua. Para essa luta se efetivar dependerá de um compromisso coletivo, uma união multiprofissional e da família.

A sociedade tem uma necessidade notável de, na prática, se adaptar às situações diversas, propondo uma igualdade de oportunidades para todos,

implicando em oferecer ambientes equilibrados para que cada indivíduo, de cada gênero, tenha vez e voz. Das esferas sociais, a escola é a que mais pode contribuir para a formação de cidadãos dispostos a efetivar o respeito às diferenças. O livro *A pata da gazela* nos mostra como a sociedade, ainda hoje, reflete pensamentos/estereótipos que realçam a diferença entre os indivíduos.

No início do presente trabalho tentamos demonstrar a importância que a literatura tem para a compreensão de mundo e dos outros, uma vez que tem liberdade de abordar os mais diversos conflitos sociais. José de Alencar expõe os conflitos que envolvem a realidade da pessoa com deficiência no século XIX, período bastante complicado para se pensar em inclusão, em especial se tratando do Rio de Janeiro (cenário do livro) retrogrado, ambiente de uma sociedade que vivia de aparências. A deficiência era considerada, muitas vezes, como doença e/ou castigo divino e esta concepção perdura, mesmo que de forma mais atenuada, no instante atual.

O termo “diferente” por muito tempo foi visto como algo pejorativo: o discurso que antes se dava pela defesa da igualdade, hoje se dá pela defesa e respeito à diferença. A deficiência de Laura é motivo da sua exclusão social, e por isso ela busca inibir sua deficiência para se sentir “igual” aos demais do seu ciclo social. Em vários trechos, o narrador explicita que a deficiência de Laura é algo que foge da normalidade, dessa forma é notório o processo social de rotular a pessoa com deficiência diante da sociedade como incapaz. Diante do exposto, podemos concluir que o romance *A pata da gazela* mostra, de forma romântica e poética, que as pessoas com deficiência são excluídas socialmente pelo fato de ter uma deficiência.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *A pata da gazela*. Ed. 2- São Paulo: FTD, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec. 2010.

DINIZ, Debora. *O que é deficiência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

FIAMENGHI JR., Geraldo A.; MESSA, Alcione A.. *Pais, Filhos e Deficiência: Estudos Sobre as Relações Familiares. Psicologia Ciência e Profissão*, São Paulo, 2007, p. 236-245. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v27n2/v27n2a06.pdf> Acesso em: 03/04/2019

GOMES, Ruthie Bonan; LOPES, Paula Helena; GESSER, Marivete; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Novos diálogos dos estudos feministas da deficiência. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v27n1/1806-9584-ref-27-01-e48155.pdf> Acesso em: 14/04/2019

LEITE, Dante Moreira. *Psicologia e Literatura*. 5. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. *Inclusão escolar. o que? Por que? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

MELLO, Anahi G. de; NUERNBERG, Adriano H. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 2012, p. 635-655. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000300003/23816> Acesso em: 10/04/2019

MELO, F. R. L. V. *Interações com pessoas com deficiência: algumas orientações básicas*. Natal, RN: Comissão Permanente de Apoio a Estudantes com Necessidades Educacionais Especiais, 2010.

OLIVEIRA, Lilia Candella. A deficiência através da história: da invisibilidade à cidadania. In: \_\_. *Visibilidade e participação Política: um estudo no conselho municipal da pessoa com deficiência em Niterói*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010, p. 27-53. Disponível em:

[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0812002\\_10\\_cap\\_02.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0812002_10_cap_02.pdf)

Acesso em: 22/02/2019

SILVA, Luciene M. da. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Bahia, 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n33/a04v1133.pdf> Acesso em: 23/03/2019

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Tradução: Caio Meira. ed. 4- Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que, com sua infinita bondade, me concede a cada dia uma chance de recomeçar, e a Sua Mãe, Maria, pela intercessão e proteção durante todo curso.

A minha família, pelo apoio em cada momento. Em especial, minha mãe, Maria José, que sempre me deu todo suporte.

A Klenio, por estar ao meu lado me encorajando nos momentos mais difíceis e sempre torcendo pelas minhas conquistas.

Ao professor Dr. Eduardo Gomes Onofre, que acolheu o convite de orientar este trabalho com muita cordialidade. Agradeço pela compreensão e contribuições que levarei para a vida.

À banca examinadora, por acolher o convite.

A todos os professores que contribuíram para minha formação pessoal e acadêmica.

Aos meus amigos, por todo apoio, torcida e companheirismo. Em especial, aos que conquistei no curso Letras: Lidiane, Francisca Andrea, Joselânea, Andressa, Gilmar e Robson.